

ERA UMA VEZ ...

Essa palavra mágica que é evocado na contação de histórias, carrega em si uma aura que nos transforma aos olhos de quem vê e na fantasia que o coração do ouvinte deseja. Um momento mágico que nos arrebatava e faz-nos viajar entre a realidade e a fantasia, inundado nosso cérebro, sequestrando nossa imaginação, de olhar esbugalhado como se ouvíssemos pelos olhos, trazendo em si o desejo de entrar não pela razão, mas pela porta do coração de cada ouvinte.

ESTORIA, ESTORIA

Fortuna ou fartura do céu ámen

Nesse momento abre-se uma atmosfera de cumplicidade solta no ar, sorrisos abertos onde estrelas fazem pouso nos olhares. Momento em que nossos avós davam vida a palavras ou eram as palavras que lhes davam vida, através da magia da narração de histórias.

E foi envolto a essa magia que nossos “griots”(ancestrais) transmitiram valores, paixões e principalmente nossa identidade cabo-verdiana de geração em geração mesmo que a realidade se mostrava cruel em muitos momentos de seca, fome e miséria mas nem assim o povo desanimou por ser extremamente crédulo, religioso e supersticioso, herdeiro de uma cultura animista, recorrendo sempre a sonhos em histórias de superação, mantendo-se vivo pela esperança.

Mas o povo não acreditava em contos, mitos e lendas só porque necessitava,

Eles acreditavam porque sentiam, e sentiam no sentido mais profundo da sua existência.

Essa terra mítica sempre emanou uma magia mística perceptível, mas muitas vezes inexplicável, mas não para nossos contadores de histórias. Esses detinham um conhecimento de todos os nossos ancestrais, guardaram consigo toda essa memória coletiva com a missão de transmitir e encantar as próximas gerações para que todo esse poder não se perdesse no tempo.

Conhecimentos de tempos antes dos descobridores, do nascimento dessas lhas no meio do mundo, de princesas, Nhô Rei e até dos animais falantes sem esquecer de males antigos.

Conheciam os efeitos da hora de minguada do poder das ervas, os encantos de certos locais, livros de feitiços e da magia de alguns seres.

O nosso desfile deste ano também tem por missão transmitir essa força mágica, dos contos, mitos e lendas mais encantadoras da nossa terra ou sobre ela, aquelas que até hoje driblam o nosso imaginário, mexeram com a nossa identidade, costumes e superstições.

Esse ano comprometemos a contar não uma estória, mas sim as histórias da nossa história, misturando a magia dos contos com o feitiço do carnaval que não será para embalar mas sim encantar através de uma efusão de viagens na memória coletiva e palavras de nossos ancestrais, rumores seculares contadas ou cantadas num batuque ou numa esteira ecoando por gerações em noites quentes ressonando na nossa alma nessas místicas ilhas no meio do mundo.

Viajaremos com os nossos contadores ou botadores de histórias que vinham de diferentes esferas da nossa sociedade podendo ser a simples avó la de casa como um dos nossos geniais compositores ou escritores.

1- ORIGEM MITICA D'NÓS TERRA

«A minha pátria é uma montanha/Olímpica, tamanha!» (Cardoso, 1989: p.158).

A origem mítica do nosso arquipélago é atribuído por algumas correntes a textos de Platão, que recupera a misteriosa Atlântida, numa lenda narrada em diálogos, acerca de uma conversa que se terá passado entre Sócrates e seus discípulos em Atenas (421 aC), conjugando-a com o do *Jardim da Hespérides*.

Nesses textos Platão conta que, aquando da viagem de Sólon ao Egipto, conversando com sacerdotes, um deles lhe falou de tradições antigas respeitantes a uma guerra outrora sustentada por Atenas contra os Atlantes, povo que habitava ilhas situadas defronte da Coluna de Hércules, à saída do Mediterrâneo, quando se entra no Atlântico.

Platão informa, ainda, que os Atlantes teriam procurado dominar o mundo inteiro, mas foram vencidos pelos Atenienses. Pouco mais acrescenta sobre a Atlântida que, segundo o mesmo, foi devastada por um cataclismo – castigo de Zeus – e engolida pelas águas do Atlântico, ficando apenas os cumes das montanhas, que corresponderão aos arquipélagos localizados na parte central desse Oceano, Nós terra.

Entroncado neste contexto está o mito hesperitano ou arsinário, que uma vez mais vai beber na cultura grega, ao retomar a lenda das Hespérides, território onde existiria o “*Jardim dos Deuses*” ou “*Jardim das Hespérides*”, que por sua vez serviu de inspiração a poetas caboverdianos (Pré-Claridosos) como José Lopes e Pedro Cardoso nalgumas das suas produções.

Afamado pelos seus deliciosos frutos e onde também existiam maçãs de ouro, possuía

um clima ameno, atributos que fizeram com que fosse identificado com o Paraíso e motivo porque era guardado por Lódon, dragão de cem cabeças.

Entretanto, no âmbito dos “Doze trabalhos de Hércules” se insere a lenda segundo a qual uma dessas tarefas era justamente estar incumbido por Euristeu de roubar maçãs de ouro às Hespérides. Para tanto persuadiu Atlas (que conhecia Lódon) a ir ao jardim roubar três maçãs de ouro, enquanto ele se incumbiria de suportar o céu no seu lugar e efectivamente Atlas conseguiu matar Lódon e retirar as maçãs.

Este facto está também presente no imaginário cabo-verdiano, pois o sangue derramado por Lódon espalhou-se pelo Jardim da Hespérides, dele nascendo o Dragoeiro (*Dracaena draco*), cuja seiva é conhecida nalgumas ilhas por “sangue do dragão” e árvore que está em extinção, mas que encontrou no arquipélago o seu habitat natural onde se reproduz espontaneamente, mesmo sítios quase inacessíveis.

Eis como o mito é apresentado por José Lopes (1933:25-27):

*Das vastas extensões assim submersas
Então ficaram essas nossas ilhas
E as outras suas célebres irmãs,
Como elas, pelo Atlântico dispersas.
As Hespérides, de Héspero as três filhas,
Por essa mesma tradição,
Deram o nome às nossas, com razão
Chamadas, pois, Ilhas Hesperitanas.
Também se denominam Arsinárias
Pelo cabo Arsinário dos Antigos,
Nome mudado em Caboverdeanas
Desde que as lusas velas legendárias,
Zombando das procelas, dos perigos,
Davam o nome Verde ao mesmo cabo
Que assim perdia o que lhe déra Strabo.
É esta, pois, Irmãos Caboverdeanos!
A história original da nossa terra,
Que esse segredo do Passado encerra...*
Por seu lado, Pedro Cardoso (1926) escreve que
*As antigas Hespérides sagradas
São hoje as cabo-verdeanas ilhas
Mansões deliciosas e encantadas
De sereias gentis – de Héspero filhas
Guardam no seio, oculto, o pomo de ouro
Em luzente metal rico tesouro.*

Qualquer que seja a origem histórica da lenda das Hespérides ou da Atlântida, ela permaneceu no espírito dos homens, à luz dos textos egípcios em que Platão e nossos escritores se inspiraram.

Cabo Verde é uma das filhas da Mãe Atlântida, Hespérides ou Ilhas Hesperitanas ou Arsinárias devido ao cabo Arsinário, mudado para Caboverdeanas.

2-Estórias de encantar

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

Pois, nossas estórias de encantar tem todos os ingredientes para enriquecer nosso espírito, iluminar nosso interior, e, ao mesmo tempo, nos tornar mais protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças. Da memória de um griot ou de um livro saltam contos desse atlântico ou dessa atlântida, descem Deuses, Santos e anjos para testar-nos, chegavam piratas a procura de tesouro depois de lutas com monstros marinhos, vinham sereias procurar parteiras, Nho Rei soltava a alteza e a princesa sonhava com um príncipe com destreza. Nós eramos “TI LOBO” em ouvir essas Estória mas Nossos “Chibinhos” dizia que só depois de sol cair para nossas pestanas ou sobranceiras não desaparecerem.

A plateia eram as “Gentes Maravilhas” (como são chamados pelos árabes), sempre

seduzidas por novas aventuras e personagens transcendentais para logo apos ir dormir ou melhor sonhar.

3- Reunião d' Cosa Rù, Crença e Superstições

Em lendas, mitos e contos sempre tem os personagens e um conflito que se dava sempre entre duas forças opostas, um do bem e outro do mal, nesses instantes soltavam esses mitos da manga quando algo abalava um cosmos harmónico, um aparecimento de uma doença ou um acontecimento que modificou certamente a estrutura do Mundo.

Nessa hora o medo se apoderava de nós ao ouvir relatos sobre criaturas que pairavam nas noites principalmente de lua cheia, nessas reuniões estavam presentes as gigantes cachorronas, as belas pé de cabra, as noivas, sempre a correr as Canelinhas e os majestosos Mansongos sempre de branco entre espíritos e fantasmas.

Mas a rainha nessas lendas sempre eram as Bruxas, essas criaturas poderosas que eram transmorfo, comiam crianças e enfeitiçava Homens.

Maioria dessas estórias vinham de duas localidades; Janela em Santo Antão e Ribeira Prata em S. Nicolau, viveiro declarado de Bruxas e feiticeiros.

«Ribeira Prata! Este nome soava dentro do meu coração como um presságio aziago. Era um grito em noite escura que eu sentia quando evocava os casos que na ilha contavam daquela ribeira povoada de feiticeiras.» (Lopes, B., 1997: p.42).

A caça as bruxas quase sempre se dava com curiosos corajosos, feiticeiros do bem ou curandeiros para amarrar ou afugentar essas criaturas principalmente de lugares onde havia recém-nascidos. Nós protegíamos através de ritos para a cura recheado de símbolos e sinais diferenciados, um guarda cabeça, uma efusão de ervas ou ramed d' terra, conforme a ilha, mas como na zona sempre tinha uma pessoa suspeita de ser bruxa sempre andávamos armado com a musica «Fetcêra de róbe azéde/ Se bô ê fetcêra bô ene de quemême/ se bô ê bruxa bô ene de embruchê-me/Róbe pa terra cabeça pa mar!» e se aparecesse um gato preto «o polegar fechado entre os outros quatro dedos e apontado na direcção do miau enquanto os outros gritavam “figa canhota, tocha caramocha, merda de gato preto”.» (Almeida, 1998: p.17).

A crença nessas criaturas sempre divergia opiniões, mas la dizia sempre o outro; “EU NÃO ACREDITO EM BRUXAS, MAS QUE ELAS EXISTEM, EXISTEM!”

Portanto Figa Canhota as bruxas, abram rua de Lisboa aos Mágicos porque aí vem os Atlantes de Monte Sossego encantar de novo, mas desta vez a magia vem em dose tripla com uma poção magica de estórias misturado com o feitiço do nosso Carnaval e o encanto da comunidade Montsú!